



Reportagens seriadas em Jornalismo Literário

Leila Gapy¹

Universidade de Sorocaba (Uniso)

Monica Martinez²

Universidade de Sorocaba (Uniso)

Resumo: Este trabalho apresenta a fundamentação teórica da pesquisa conduzida em nível de mestrado que investigou como a reportagem seriada é praticada nas cinco regiões brasileiras por meio de estudos de caso (GAPY, 2018; MARTINEZ; GAPY, 2018). Ele emprega como referenciais os estudos em Jornalismo Literário (BAK; MARTINEZ, 2018; BAK; REYNOLDS, 2011; MARTINEZ, 2016, LIMA, 2009). Do ponto de vista metodológico, portanto, emprega revisão de literatura. Os resultados apontam a falta de consenso sobre o termo empregado, sugerindo que seja doravante adotado o conceito de Reportagem Seriada para especificar um conjunto de três ou mais reportagens sequenciais que tratem de um único assunto, publicadas com um intervalo de tempo diretamente relacionado à periodicidade do veículo – seja ela diária, semanal ou mensal –, veiculadas em mídias jornalísticas impressas, eletrônicas e/ou digitais.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo Literário. Jornalismo impresso. Jornalismo digital. Reportagens seriadas.

¹ Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso), especialista em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e jornalista pela Universidade de Sorocaba (Uniso). E-mail: leila.gapy@hotmail.com.

² Doutora em Ciências da Comunicação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso), líder do Grupo de Pesquisas em Narrativas Midiáticas (Nami) e pesquisadora em narrativas midiáticas transnacionais. E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br.

1. Introdução

Este artigo apresenta as principais fundamentações teóricas da pesquisa em nível de mestrado (GAPY, 2018) conduzida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso). O objetivo foi o de estudar como as Reportagens Seriadas são desenvolvidas na contemporaneidade pela imprensa nacional escrita, com peças produzidas nas cinco regiões do país, bem como a relação entre a publicação destas em veículos impressos e suas versões digitais.

Para isso, optou-se por localizar, por meio de palavras-chave “Série de Reportagens” e “Reportagens Seriada”, ambas empregadas no Google (GAPY, 2017), produções desenvolvidas por profissionais graduados em jornalismo em jornais impressos com portais atuantes, registrados na Associação Nacional dos Jornais (ANJ), e que tivessem três edições ou mais sequenciais, publicadas nos últimos sete anos (2012-2018).

A decisão de estudar reportagens seriadas ocorreu em 2014 a convite da orientadora deste estudo, professora doutora Monica Martinez, quando a então candidata ao mestrado conheceu o PPGCC-Uniso. Naquela oportunidade esta pesquisadora encerrava 15 anos de trabalho no jornal local, *Cruzeiro do Sul*, onde entrou como estudante de graduação em jornalismo pela Uniso e pode desenvolver-se como profissional, passando de caixa a digitadora, secretária de redação, repórter e repórter especial.

Período que também fez especialização em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e pode exercitar o aprendizado em produções seriadas como a “Em Nome dos Meus” (GAPY, 2013) e “Anônimos Sociedade Pública” (GAPY, 2013-2014). A simpatia com o assunto, expandido a práxis por meio de estudos que abarcam a Jornada do Herói (MARTINEZ, 2018) e a Grande Reportagem (LIMA, 2009), ambos em associação com o JL, segundo Lima (2009), Martinez (2016) e Bak (2011), facilitou seu desempenho.

No entanto, este estudo foi realmente cunhado somente em 2017, quando no ingresso desta pesquisadora na pós-graduação *Stricto Sensu*. Neste percurso de dois anos em pesquisas, percebeu-se a necessidade de definir a terminologia a ser usada para alicerçar a pesquisa, uma vez que o termo antes usado, *Série de Reportagens*, remetia à

localização de produções de suítes ou às coleções de matérias sobre um único assunto e publicadas como uma Grande Reportagem.

2. Teorias

2.1 Jornalismo Literário

Este trabalho não tem por objetivo discutir a falta de consenso sobre o termo Jornalismo Literário, principalmente porque o tema já foi profundamente abordado em outros estudos no país e no exterior (HARTSOCK, 2000; MARTINEZ, 2017). No entanto, o adotamos porque boa parte dos estudiosos internacionais adota o termo devido à compreensão ampla de que os textos em consideração são narrativos. Além disso, as primeiras sistematizações já foram realizadas há muito tempo (CONNERY, 1992; KRAMER; SIMS, 1995; LIMA, 1993). Como Bak, portanto, entendemos que já há legitimação e repertório suficientes para tratarmos o Jornalismo Literário pelo que de fato é: uma disciplina (BAK, 2011; 2018).

O JL ganhou evidência internacional a partir dos EUA na década de 1960. Apesar de todo mérito que tiveram, a saga do JL começa muito antes (MARTINEZ, 2016, p. 29) da civilização humana. Dando a devida ou mais atenção à oralidade, aos sentimentos, sendo observada e destacada a importância da descrição de cenas, fatos e expressões na escrita antes mesmo da combinação de texto e imagem. Exatamente como ocorreu com as obras como a Odisseia, de Homero (VII a.C.). Segundo Norman Sims (MARTINEZ, 2016, p. 31), o JL, até os dias atuais, muito se inspira nos escritores do século XVII.

Já Bak (2011) pontua que o JL nasceu em várias partes do mundo, em períodos distintos e/ou simultâneos, mas que as trajetórias ainda estão sendo agrupadas e em processo de compreensão. No Brasil a demora da chegada da prensa e criação da imprensa, assim como diversas censuras governamentais, retardaram o processo evolutivo do jornalismo e do JL, por consequência (MARTINEZ, 2016). Ainda assim, Euclides da Cunha e João do Rio fizeram história no desenvolvimento desta modalidade na virada do século XX.

Contudo, foi justamente na década de 1960, durante a Ditadura Militar (1964-1985), que o jornalista José Hamilton Ribeiro e outros colegas da antiga e extinta revista *Realidade*, da editora Abril, faziam JL como habilidade excepcional (FARO, 1999).

O Jornalismo Literário e reportagem literária foram igualmente produtivos em tempos de crises sociais e políticas que um dado governo quis ou não que seu corpo político conhecesse. Há exemplos impressionantes de como jornalistas de várias nações autocráticas têm contornado ditadores, juntas entrincheiradas e caudilhos armados para produzir peças que estão em pé de igualdade com as dos jornalistas literários de nações mais livres (BAK, 2011; apud MARTINEZ, IUAMA, GAPY, 2018).

Histórico que mesmo tendo sido esquecido pela imprensa durante o *boom* tecnológico, emerge com força pós-internet e propõe a própria reconstrução, agora já com repertório (MARTINEZ, 2016). Interessante destacar que nos últimos anos, antropofagias entre os conceitos brasileiros, estadunidenses e europeus foram ocorrendo, principalmente devido à atuação da Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS, em inglês), criada em 2006 (BAK, 2011). Neste percurso, Bak reconhece a importância da diversidade mundial, visto que não há fórmula que se imponha a cada realidade sociocultural distinta.

Além disso, Bak destaca que a opressão teria, ao invés de restringir, fomentado o crescimento do Jornalismo Literário no mundo. Isso porque tendo “sido negada a liberdade de expressar a verdade, jornalistas censurados simplesmente experimentaram técnicas literárias para expressar a verdade de maneiras subversivas” (BAK, 2011 apud MARTINEZ; IUAMA; GAPY; 2017, p. 237).

No caso brasileiro, poucos estudos citam o referencial dos pioneiros dos estudos nos Estados Unidos (CONNERY, 1992; KRAMER; SIMS, 1995; HARTSOCK, 2000). Contudo, Wolfe (1963), um dos primeiros a pontuar os processos de criação ainda na década de 1960, é bastante referenciado. Segundo ele, quatro características eram distintas das reportagens escritas em estilo de jornalismo literário: 1) Construção cena a cena; 2) Diálogo completo; 3) Ponto de vista da terceira pessoa; 4) Descrição simbólica. Interessante lembrar que o próprio Wolfe destacava que Balzac e Dickens já se valiam desta “fórmula”.

Mark Kramer, jornalista e escritor estadunidense que coorganizou em 1995, juntamente com Norman Sims a antologia *Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction* (Ballantine Books, 1995), é conhecido por refletir sobre os tópicos que seriam decisivos no campo da narrativa de não ficção: 1) Imersão; 2) Exatidão; 3) Acontecimentos rotineiros; 4) Voz autoral; 5) Estilo próprio; 6) Vários pontos de vista; 7) Estrutura e 8) Dar sentido. De forma concomitante, os pesquisadores brasileiros estavam refletindo sobre os elementos que norteariam a atual prática, como Lima (1993) e Felipe Pena (2005), com sua proposta de estrela de cinco pontas. Em meados dos anos 2000, Lima elaborou, a partir do manifesto de Kramer, os dez pilares do Jornalismo Literário brasileiro, que foram publicados na edição revista e ampliada de seu livro *Páginas ampliadas* (2009): 1. Exatidão e precisão; 2. Contar uma história; 3. Humanização; 4. Compreensão; 5. Universalização temática; 6. Estilo próprio e voz autoral; 7. Imersão; 8. Simbolismo; 9. Criatividade; 10. Responsabilidade ética (MARTINEZ, 2008, p.151-152).

Além de ser “um gênero fronteiroço, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito” (MARTINEZ, 2016, p. 27), que envolve, inclusive, outras ciências como sociologia, antropologia, psicologia, mitologia, neurologia, entre outras. Com função social indiscutível (DOMINGUES, 2016) e em franca expansão (MARTINEZ, 2016, p. 53), exemplos de Jornalismo Literário podem ser localizados nas mais diferentes produções, inclusive na composição (por que não?) de narrativas curtas como obituários e haicais (MARTINEZ, 2016, p. 281, 341, 361).

2.2 Reportagens Seriadas

Se levarmos afincos a questão da fragmentação, da divisão por assunto ou edição, iniciaremos esta discussão nos primórdios da comunicação humana, o que nos remonta às primeiras organizações cerebrais de pensamentos, às escolhas do porquê isso e não aquilo. O fato é que, no aprofundamento da pesquisa, chegamos ao surgimento da pontuação na escrita, e a subsequente estruturação, que já eram passos das fragmentações.

Dando um pulo histórico, na era vitoriana, por exemplo, Emily Brontë publicou, em 1847, seu famoso *O Morro dos Ventos Uivantes* em três partes.

Com ideia similar, o francês Victor Hugo publicou, em 1863, em cinco peças distintas, *Os Miseráveis*. Que se interligavam e narravam a miséria humana (real) em torno da Revolução Francesa (1789-1799). Não por acaso, o termo folhetim foi concebido na França na década de 1830, como um gênero narrativo estabelecido pelo jornalista francês Émile de Girardin (1802-1881) – vale lembrar que antes disso o termo referia-se à crítica literária. Girardin observou o coeficiente entre produção e venda, e percebeu que poderia tirar vantagens financeiras no desenvolvimento de folhetins, como o conhecemos, tornando-se assim, precursor do gênero.

O romance-folhetim teve sua inauguração oficial em 5 de agosto de 1836, quando o *La presse* começa a publicar *Lazarillo de Tormes* em partes diárias. Com o sucesso, foi incorporado à lógica capitalista (PENA, 1996, p. 29 apud SOUZA JÚNIOR, 2011). O primeiro folhetim publicado em português é de 1844, *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, composto de 90 partes e publicado originalmente em 1943 (MEYER, 1996, p. 283). Vale lembrar que os folhetins democratizaram o acesso à literatura no Brasil, assim como estimularam sua produção.

O importante é destacar que, a partir do momento em que o gênero foi estabelecido, ganhou papel de protagonista na história da literatura, tanto do lado dos escritores quanto do lado mercadológico dos jornais. Se de um lado estavam as “novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando” (MEYER, 1996, p.59), do outro estava a experiência do consumidor poder “participar dessas aventuras e se autoidentificar com os seus personagens, tais romances quase servem de substitutos da nossa vida particular” (BAKHTIN, 1998, p. 421).

Segundo Souza Júnior, os primeiros romances brasileiros nasceram na sequência do desenvolvimento dos folhetins e, por consequência, gestaram os primeiros grandes romancistas tupiniquins, como José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908). Desde então a literatura evoluiu e o desenvolvimento dos capítulos dos romances acompanhou a transformação social, afinando a estruturação e amarração entre as peças

de forma que, ainda hoje, dão ao leitor a sensação de que ele precisa prosseguir a leitura, exatamente como preconiza a concepção dos folhetins.

A noção de estruturação também pode ser encontrada na construção de histórias de vida em jornalismo por meio da proposta de monomito do mitólogo estadunidense Joseph Campbell (1995), que chegou aos 17 passos depois de estudar mitos e religiões de todo o mundo, com destaque para o aspecto simbólico relacionado à vida humana. Essa base mítica serviu para que Christopher Vogler escrevesse *A Jornada do Escritor – Estrutura Mítica para Escritores* (2015) – adaptado e usado no cinema, principalmente a partir dos anos 1980. Como exemplos, temos os filmes de George Lucas e Steven Spielberg (LIMA, 2004).

Do ponto de vista midiático, esta proposta da serialização, que nasceu com os romances, posteriormente foi empregada nas produções radiofônicas, cinematográficas e televisivas, como as famosas telenovelas brasileiras. Mercado que já percebeu, mais recentemente, que os avanços tecnológicos têm atendido em cheio as mudanças comportamentais no consumo televisivo e digital. Exemplo maior talvez seja a corporação estadunidense pioneira no *streaming* Netflix que nasceu em 1997 como locadora/vendedora de filmes pelo correio e lançou-se com sucesso à produção de filmes e seriados exclusivos a partir de 2012.

Recentemente, o vice-presidente da empresa, Erik Barmark, em entrevista ao jornal *O Estado de S.Paulo* (YUGE, 2018), mencionou que o apego do consumidor com os personagens, aliada à possibilidade de “revivê-los” sempre que desejar, conforme possibilita o portal, favorece o crescimento de produções estendidas como séries, a exemplo de *Stranger Things* (2016), sucesso com faturamento de US\$3,8 bilhões somente em 2017.

No campo dos estudos em Jornalismo Literário no Brasil, a primeira serialização de notícias foi desenvolvida quase 100 anos após a concepção da imprensa brasileira (MARTINEZ, 2017). Trata-se da cobertura jornalística da Guerra de Canudos (1896-1897), feita pelo engenheiro, escritor e jornalista carioca Euclides da Cunha (1866-1909), para o jornal *O Estado de S.Paulo* em 1897. Destaca-se que a saga dos rebeldes agricultores (com 55 documentos, entre telegramas e cartas) trata-se na realidade de uma coleção de suítes, não de uma reportagem seriada.

Do ponto de vista conceitual, partimos da definição apresentada no Manual de Redação em Jornalismo do jornal *Folha de S.Paulo* (2018), que define Série de Reportagens como “uma sequência periódica de reportagens veiculadas em jornais escritos ou televisivos que trata de um assunto em particular durante determinado intervalo de tempo, podendo ser diário, semanal ou mensal” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 42).

Contudo, com a associação da palavra série como sinônimo de coleção (de matérias), que define a Grande Reportagem, optamos no decorrer desta pesquisa por usar a definição acima descrita com o termo Reportagem Seriada (RS), por acreditarmos que se afina melhor com o propósito deste estudo. Decerto a fragmentação da notícia se mostra uma crescente tendência mundial nas últimas décadas, principalmente como forma de valorização do marketing jornalístico (PAIVA, 2016) – exatamente como nos primórdios dos folhetins.

No entanto, até onde temos conhecimento, e após exaustiva revisão de literatura, não existia até esta pesquisa em nível de mestrado (GAPY, 2018) um estudo específico sobre a história da fragmentação da notícia em reportagens seriadas, nem um manual sobre como fazê-las (MARTINEZ, GAPY, 2017).

Por outro lado, observamos que a fundamentação teórica de grandes reportagens (uma irmã gêmea bivitelina das reportagens seriadas), assim como mães dos livros-reportagem, é bastante estudada e acompanha a estruturação compilada por Lima em 2009, que o fundamenta numa crítica singular feita pela pesquisadora Cremilda Medina, que aponta duas origens para a produção:

Da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto de outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade (MEDINA apud LIMA, 2009, p. 33).

Na sequência, ele menciona que, em alguns casos, o livro-reportagem é resultado da grande reportagem ou reportagens seriadas - uma iniciativa que esbarra nas dos romances oriundos dos folhetins. Tanto é que, neste âmbito, temos como exemplo recente os livros de Daniela Arbex, *Cova 312* (GERAÇÃO, 2015) – resultante de uma reportagem seriada publicada no jornal *Tribuna de Minas* em 2002 – e *Holocausto Bra-*

sileiro (GERAÇÃO, 2013) – resultante de outra produção seriada publicada no mesmo jornal em 2011.

Observa-se atuante cenário de constante evolução, já que inúmeras iniciativas foram localizadas, como o especial de 90 anos do Grupo Folha (2011). No material, 90 reportagens premiadas e de destaque produzidas pelo veículo são listadas, sendo a primeira de 21 de junho de 1959, intitulada “Um rio desafia o Brasil”, de Mário Mazzei Guimarães, que se trata de “Série de 16 reportagens com enfoque econômico sobre a região cortada pelo rio São Francisco e suas carências. Recebeu o prêmio Esso de Jornalismo” (FOLHA DE S. PAULO, 2011).

Vale lembrar que, a respeito da histórica produção estadunidense, a famosa produção de Truman Capote, o livro *A Sangue Frio*, publicado no início de 1966, é um livro-reportagem resultante de uma reportagem seriada que primeiro foi feita e divulgada, em quatro edições, na revista *New Yorker* em setembro de 1965 (CAPOTE, 1965). Interessante pontuar também, em termos de produção contemporânea afinada com esta proposta, que o projeto *Black Hawk Down*, do jornalista Mark Bowden, é resultado de uma iniciativa – até onde sabemos pioneira nos Estados Unidos – de seriar simultaneamente de forma impressa e digital uma grande reportagem.

O projeto é resultado de uma longa e vasta pesquisa feita em quatro anos a respeito da Batalha de Mogadíscio, na Somália, ocorrida em outubro de 1993. Na ocasião, uma força-tarefa estadunidense buscava pelo líder rebelde somali Mohamed Farrah Aidid e travou batalha contra a milícia de Aidid. Neste entrave, um dos principais eventos foi a queda de dois helicópteros estadunidenses chamados Black Hawk (falcão negro), e a tentativa do exército de resgatar suas respectivas tripulações.

Bowden, hoje com 67 anos, na época já era um veterano correspondente do jornal *The Philadelphia Inquirer* – fundado em 1829 e o terceiro mais antigo e sobrevivente impresso diário dos EUA. Ele publicou o resultado de sua investigação interativa em 29 capítulos sequenciais em 1997 e no *hotsite* exclusivo para esta finalidade, entrando para a história do jornalismo estadunidense como exemplo de produção seriada multimídia. O portal dispõe, até hoje, de anexação de documentos digitalizados, fotos e até áudios, incluindo participação dos leitores por meio do registro de dúvidas e opiniões.

3. Considerações

Na jornada de dois anos em pesquisas, um dos principais pontos identificados foi a falta de consenso dos autores/jornalistas quanto à definição do termo Séries de Reportagens. Isso causou a morosa e dificultosa localização das peças que se relacionavam ao objetivo do estudo.

Primeiramente percebeu-se a inexistência de associação das produções com o termo Série de Reportagens, ou ainda Reportagem Seriada, nos canais de busca e portais jornalísticos, bem como a falta de organização e vinculação entre as edições ~~das produções~~. Vale destacar também que o termo Série de Reportagens está associado, nao entendimento dos profissionais, como sinônimo de coleção de matérias publicadas como Grandes Reportagens, ou seja, numa única edição; ou ainda à produções de suítes.

Desta forma, foi preciso um intenso trabalho de localização de ao menos uma edição, além do nome do profissional, para que este fosse contatado e elucidasse as características da amostra. Como exemplos equivocados de achados há a produção multimídia “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu”, de Ângela Bastos, produção multimídia ao *Diário Catarinense* (SC), em 2015; o especial “Filho da Rua” (2012), de Letícia Duarte, com 16 páginas para o *Zero Hora* (RS); e “Expedição Rio São Francisco” (2016), de Daniela Arbex, também com 16 páginas para o *Tribuna de Minas* (MG).

Outra questão observada foi a falta de publicização das reportagens seriadas, originalmente realizadas para as mídias jornalísticas impressas, na versão digital. Ou seja, a transposição para os ambientes digitais não contava com avisos de serialização e disposição de links sequenciais para que o leitor-internauta pudesse acompanhar a narrativa seriada. Um exemplo localizado foi a reportagem seriada “Encarcerados”, de Michele de Carvalho Ferreira, produzida em 2017 para o jornal *Diário Popular*, de Pelotas (RS) – que disponibiliza apenas um link, entre quatro edições, com a expressão “série”.

_____ O que nos sinaliza a importância e necessidade de melhor definição termológica e conceitual.

_____ Para sistematizar a questão, partimos da definição apresentada no Manual de Redação em Jornalismo do jornal *Folha de S.Paulo* (2018), que define Série de Reportagens como “uma sequência periódica de reportagens veiculadas em jornais escritos ou

televisivos que trata de um assunto em particular durante determinado intervalo de tempo, podendo ser diário, semanal ou mensal” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 42) e propomos então a definição do conceito por meio do termo Reportagens Seriada. Nossa sugestão, portanto, é que doravante adotado o conceito de Reportagem Seriada para especificar um conjunto de três ou mais reportagens sequenciais que tratem de um único assunto, publicadas com um intervalo de tempo diretamente relacionado à periodicidade do veículo – seja ela diária, semanal ou mensal –, veiculadas em mídias jornalísticas impressas, eletrônicas e/ou digitais.

A proposta se calça pela experiência ocorrida durante o estudo, pois a partir de sua definição e abordagem, a localização do título da amostra, do autor e o contato foram grandemente otimizados. Graças à esta sistematização, portanto, foi possível definir o corpus do estudo, a saber:

1) Região Norte – de 2012, jornal *A Crítica*, de Manaus (AM), produção de Ana Celia Ossame de Figueiredo. Reportagem seriada intitulada “Profissionais do Sexo”.

2) Região Nordeste – de 2012, jornal *Diário de Pernambuco*, Recife (PE), produção de Maria Carolina Santos. Reportagem seriada intitulada “SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião”.

3) Local (Sorocaba) – de 2014, jornal *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba (SP), produção de Daniela da Costa Jacinto. Reportagem seriada intitulada “Quilombo Os Camargo – Apagão Histórico”.

4) Região Sul – de 2014, jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre (RS), produção de Paulo Roberto Tavares. Reportagem seriada intitulada “‘Zumbis’ no Volante”.

5) Região Sudeste – de 2014, jornal *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora (MG), produção de Daniela Arbex. Reportagem seriada intitulada “Vidas Roubadas”.

6) Região Centro-Oeste – de 2018, jornal *Correio Braziliense*, Brasília (DF), produção de Guilherme Goulart e Jéssica Eufrásio. Reportagem seriada intitulada “Conexão Brasília”.

Importante ainda destacar aqui que, após as análises e a conclusão desta pesquisa, numa nova busca exploratória, outras peças interessantes já foram localizadas, o que

sinaliza o vigor destas produções seriadas. Como a série de três cadernos especiais sequenciais escrita por Dimitri Túlio, do *O Povo* (Fortaleza, CE), de 2007, intitulados “Mares do Sertão”, “Deserto do Sertão” e “Chuvas do Sertão”. Se somarmos a elas os casos de estudos localizados na revisão de literatura, mais as amostras desta pesquisa, observaremos que a produção jornalística seriada é existente e sólida. Restou-nos saber então como eram feitas, que será discutido em novo artigo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAK, John S. *Literary Journalism as an Academic Discipline: Weighing the Pros and Cons*. 16º SBPJor 2018. São Paulo, no prelo.
- _____; REYNOLDS, B. *Literary Journalism across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences*. Boston: Massachusetts Press, 2011.
- BOWDEN, Mark. *Black Hawk Down – A Story of Modern War*. New American Library. New York, New York, 1999.
- _____. *Black Hawk Down Projetc*. The Philadelphia Inquirer. Disponível em: < <http://inquirer.philly.com/packages/somalia/sitemap.asp>>. Acesso em 20 set. 2018.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 1995.
- CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. New Yorker. Disponível em: < <https://www.newyorker.com/magazine/1965/09/25/in-cold-blood-the-last-to-see-them-alive>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- CONNERY, T. B. **A sourcebook of American literary journalism: representative writers in an emerging genre**. New York: Greenwood, 1992.
- DOMINGUES, Juan. **11ª Conferência Internacional de Estudos em Jornalismo Literário**. Porto Alegre, Portal PUC/RS – Blog, 27, abril, 2016. Disponível em: <http://www.pucrs.br/blog/evento/11a-conferencia-internacional-de-estudos-em-jornalismo-literario/>. Acesso em: 28 mai. 2017.
- FARO, J. S. **Revista Realidade 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira**. Canoas, Porto Alegre: Ulbra/Age, 1999.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação: As normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. São Paulo, Publifolha, 2018.
- GAPY, Leila. **Ponto e Vínculo: Reportagens Seriadas e Jornalismo Literário**. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.uniso.br/producao-discente/2018/pdf/leila-paiva.pdf>.
- _____; MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário e Reportagens Seriadas**. 22º Intercom 2017, disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2169-1.pdf>

- _____; MARTINEZ, M. **O Jornalismo Literário em Séries de Reportagens: Revisão de literatura sobre as produções acadêmicas.** 10º Encontro de Pesquisadores em Comunicação (Epecom) da Universidade de Sorocaba (Uniso). Anais 2017.
- _____; MARTINEZ, M. **O Jornalismo Literário em Reportagens Seriadas: o Google Acadêmico como mecanismo de busca.** Revista Pauta Geral Estudos em Jornalismo. Ponta Grossa, PR, vol. 5, i1.0008, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/teste/Downloads/Dialnet-JornalismoLiterarioEmSeriesDeReportagens-6467085.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.
- HARTSOCK, John. C. **A History of American Literary Journalism.** Boston, Massachusetts Press, 2000.
- KRAMER, M. SIMS, N. **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction.** New York: Ballantine Books, 1995.
- _____. **Breakable rules for literary Journalists.** New York: Ballantine Books, 1995.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 1. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993.
- MARTINS, J. L. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem.** 2016. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 1995, 2009.
- _____. **Jornalismo Literário Para Iniciantes.** São Paulo: Clube de Autores, 2010.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: tradição e inovação.** Florianópolis: Insular, 2016.
- _____. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas.** Intercom - RBCC, São Paulo, v. 40, n. 3, p.21-36, set./dez. 2017.
- _____; PESSONI, Arquimedes. O uso da análise de conteúdo na Intercom: pesquisas feitas com o método (1996 a 2012). In: Thaís de Mendonça Jorge. (Org.). **Notícia em fragmentos: o desafio de aplicar a análise de conteúdo ao jornalismo digital.** 1ed. Brasília: UnB, 2015, v. 1, p. 299-315.
- _____; IUAMA, T. R.; GAPY, L. **Rumo a uma definição de Jornalismo Literário.** BJR, Brasília, DF, v. 13, n. 3; dezembro, 2017; 136-161. Disponível em www.bjr.sbpjor.org.br.
- _____; **Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em Jornalismo.** São Paulo: Fapesp/Anablume, 2008.
- _____; **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas.** Revista Intercom RBCC. São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017.
- _____; **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada.** Núcleo temático Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 71 - 83 jan./jun. 2009.
- MEDINA, Cremilda. **A Arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano.** São Paulo: Summus, 2003.
- _____. **Notícia: um produto à venda.** São Paulo: Summus, 1988.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MORIN, Edgar. **A Inteligência da Complexidade.** São Paulo: Peirópolis, 2000.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo.** 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

- SOUZA JÚNIOR, Luís Roberto. **A influência inconfessável:** Como o folhetim formou o romance brasileiro. IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2011, Porto Alegre. Anais do IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2011. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo/Porto Alegre: Intercom/EdiPUCRS, 2011.
- TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil:** 1830 à atualidade. São Paulo: Duas Cidades, 1994.
- VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor:** Estrutura Mítica para Escritores. São Paulo: Aleph, 2015.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1963, 1973, 2005.
- YUGE, Claudio. **Executivo da Netflix confirma intenção de investir em mais séries nacionais.** Cultura Geek, TecMundo. Edição 21 mai. 2018. Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/130460-executivo-netflix-confirma-intencao-investir-series-nacionais.htm>>. Acesso em 28 ago. 2018.